

A Outra História de Chapeuzinho Vermelho

“Conta! Conta! Conta!” gritava a garotada, sentada à volta de Chapeuzinho Vermelho. Era sábado à tarde e, como todos os sábados, o jardim de vovó ficava repleto de meninas e meninos ansiosos por ouvir Chapeuzinho contar a história da sua aventura tão engraçada. Não, não... não é a história que conhecemos do Lobo Mau que apanha a vovó de Chapeuzinho Vermelho. É a história de um outro lobo que queria ser tão mau como seu primo, mas que não era mais que um Lobo Trapalhão.

Com o susto que apanhou com o outro lobo mau, Chapeuzinho aprendeu a lição e a partir daí tomou sempre muito cuidado quando visitava sua vovó. E assim aconteceu quando lhe apareceu novamente um lobo no caminho da floresta.

Num dos dias em que ia levar mais uns docinhos à avozinha, Chapeuzinho Vermelho apercebeu-se que alguém espreitava atrás de uma árvore. *Hum, é outro lobo, pensou para si, vamos lá tratar dele...* Levantou a sua rede de caçar borboletas e correu atrás de uma que ali passava. Quando chegou pertinho da árvore onde se escondia o lobo, zumba!, apanhou a borboleta ao mesmo tempo que enfiava a rede na cabeça do Lobo Trapalhão. Este ficou tão aflito que bateu com a cabeça na árvore, tropeçou, bateu noutra árvore, e finalmente caiu. Com a borboleta a fazer-lhe cócegas nas orelhas, rebolou-se pelo chão, rindo, rindo sem parar.

“Ups! Desculpa, seu lobo. Não reparei no senhor” disse Chapeuzinho com muita vontade de rir, retirando a rede da cabeça do lobo. “Ficou machucado?”

“Ora, não, claro que não”, disse o lobo atrapalhado. “Estava aqui descansando... Mas onde vai esta linda menina?” continuou, disfarçando.

“Eu vou levar uns docinhos à minha querida vovó.”

“E é longe?” insistiu o lobo.

“Um pouco. Mas se a gente atravessar ali o rio, andar bastante, e voltar a atravessar para cá na outra ponte, acaba por ser mais rápido. A casa é logo ali”, disse Chapeuzinho Vermelho enganando o tolo do lobo.

“Ah, bom... É uma pena eu estar com pressa senão acompanhava você”, mentiu o lobo, “nunca se sabe os perigos que pode encontrar nessa floresta, não é? Bem, eu já vou andando.” E dito isto, o Lobo Trapalhão pôs-se a caminho seguindo a indicação da menina, convencido que chegaria antes dela a casa da avozinha.

Chapeuzinho continuou o seu caminho, imaginando as dificuldades que o lobo iria passar pois do lado de lá do rio existiam muitas colmeias. E onde há colmeias há abelhas. *Pobre coitado*, pensou a menina dando uma risada, já perto de casa da avó.

Chegada lá, contou à avozinha o que lhe tinha acontecido, e aí, as duas prepararam a chegada do lobo. Passada uma hora, começaram a ouvir uns gritos ao longe.

“Ai! Ui!”, ouvia-se. “Uaaaau!” Espreitaram e viram o lobo a correr muito aflito em direção à casa, ainda com algumas abelhas atrás. Vinha

completamente inchado. Parecia mesmo uma bola, de tanta picadela de abelha que tinha levado. Chegando junto da casa recompôs-se e, batendo à porta, perguntou com voz disfarçada:

“Vovó! Você está aí? É sua netinha.”

“Entra, minha querida. A porta está aberta”, disse a avozinha piscando o olho a Chapeuzinho, enquanto esperava o lobo escondida.

Mal o Lobo Trapalhão entrou e pousou o pé dentro de casa, escorregou no sabão que elas tinham espalhado na entrada, caiu estendido no chão e foi ter direitinho ao armário, batendo com o nariz com tanta força que até viu estrelas. Logo de seguida, de cima do armário caíram duas abóboras, uma na barriga e outra na cabeça.

“Au! Uuuui!” gemeu o Lobo Trapalhão. Com ele ainda atordoado, Chapeuzinho e sua avó começaram a bater-lhe com os rolos da massa com tanta força que o lobo nem percebia o que lhe estava a acontecer. A muito custo lá conseguiu fugir da casa tão depressa quanto podia. E nunca mais voltou a aparecer.

Quando Chapeuzinho Vermelho acabava de contar esta história mais uma vez, as crianças aplaudiam dando vivas a este final feliz.

“Viva! Vivam Chapeuzinho e sua Vovó!”, gritavam de contentes.

E assim a história se repetia todos os sábados à tarde fazendo felizes as crianças do lugar.